

## Relações entre as estéticas sonora e visual no Podcast Praia dos Ossos<sup>1</sup>

Beatriz Melo dos REIS<sup>2</sup>

Luana VIANA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### RESUMO

Este trabalho visa compreender como as estratégias sonoras do podcast *Praia dos Ossos* fazem relações com seus elementos parassonoros, disponibilizados em site próprio. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é identificar as estéticas radiofônica e visual que compõem episódios da série. Analisamos uma fotografia do episódio *O crime da Praia dos Ossos* (1º). Os autores de referência na discussão sonora são Balsebre (2005) e Haye (2005). Já na discussão visual, recorre-se a Greimas e Courtés (2012) e Pietroforte (2021). Como principal resultado, entendemos que o podcast assume seu papel fundamental de informar prioritariamente a partir do áudio. As imagens e as legendas, se consumidas, ampliam o conhecimento do ouvinte sobre o contexto, mas são descartáveis por se tratarem de conteúdo parassonoro.

**Palavras-chave:** podcast; semiótica; relações; parassonoros; imagem.

### Introdução

No dia 21 de agosto de 2020, foi lançado o primeiro episódio do podcast Praia dos Ossos. A série reconstitui o assassinato de Ângela Diniz, mais conhecida como a Pantera de Minas. “O crime da Praia dos Ossos” aconteceu em 30 de dezembro de 1976 na cidade de Búzios (RJ). A *socialite*, vítima de feminicídio, recebeu quatro tiros do seu, então, namorado Doca Street. O julgamento aconteceu depois de três anos do crime, quando o réu confesso tornou-se uma espécie de mártir nacional. A minissérie de oito episódios apura o caso, buscando compreender os desdobramentos político-sociais desse crime.

O podcast é uma produção original da Rádio Novelo, idealizada e apresentada por Branca Vianna, com pesquisa e coordenação de produção chefiada por Flora Thomson. Desde o primeiro episódio, a apresentadora constrói uma relação direta com seu ouvinte por meio do diálogo. Para Vianna<sup>4</sup>, esse crime pode ser considerado um divisor de águas na vida das

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo do ICSA-UFOP, e-mail: beatriz.mr@aluno.ufop.edu.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: lviana.s@hotmail.com

<sup>4</sup> Matéria disponível em: <Praia dos Ossos: a história de uma mulher culpada pelo próprio assassinato - Sindipetro (sindipetrosp.org.br)>. Acesso em 04 out. 2022.

---

mulheres brasileiras. Assim, depois de 40 anos, o podcast compreende os reflexos causados pela imprensa brasileira e pelo sistema judiciário nesta história.

Praia dos Ossos é uma reflexão sobre as possíveis mudanças da sociedade brasileira nas últimas quatro décadas, abordando temáticas como: feminismo, patriarcado e diferença de classes. O podcast, que é narrativo jornalístico, é uma investigação documental que ultrapassa a esfera dos personagens protagonistas. Para formalizar esse material, foram necessárias 50 entrevistas, com 80 horas de sonoras gravadas. Com amplo referencial bibliográfico, o podcast Praia dos Ossos disponibiliza conteúdos complementares ao áudio de cada episódio no site oficial. O uso dos elementos parassonoros (KISCHINHEVSKY, 2016) será discutido ao longo do trabalho. A minissérie foi um sucesso comercial que estreou na parada de Top Podcasts da *Apple*. Até 2021, Praia dos Ossos teve cerca de dois milhões e duzentos mil *downloads*<sup>5</sup>.

A partir do cenário descrito, o problema de pesquisa deste artigo se resume na seguinte pergunta: como as estratégias sonoras do podcast Praia dos Ossos fazem relações com seus elementos parassonoros, disponibilizados em site próprio? Assim, o objetivo geral consiste em analisar as estéticas - radiofônica e visual - que compõem os episódios do podcast.

Essa pesquisa se justifica pelo fato de que, no cenário nacional, o aumento no consumo de podcasts demarca a integração do formato na rotina dos brasileiros. Os resultados da pesquisa<sup>6</sup> Digital Brazil 2023 demonstram que o tempo médio diário dos brasileiros ouvindo rádio chega a 1 hora e quatro minutos, isso representa um aumento de 16,4% se comparado ao ano anterior. Já o tempo dedicado à escuta de podcast é de 1 hora e 17 minutos. Realizando o comparativo entre os dados, o tempo médio de escuta do podcast cresceu 18,5%, superando o rádio. (DIGITAL BRAZIL, 2023).

### **Estética da Linguagem Sonora**

O processo estético da comunicação aborda a composição da mensagem e entende a possível relação variável entre ela e a captação do sujeito que se integra com o objeto em análise. “A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais e sensoriais” (BALSEBRE, 2005, p. 328). De fato, para que a mensagem comunicativa seja eficiente, é necessário dispor de um equilíbrio entre o

---

<sup>5</sup>Matéria disponível em: Rádio Novelo: bastidores, monetização e divulgação de podcasts (meioemensagem.com.br)>. Acesso em: 04 out. 2022.

<sup>6</sup> Matéria disponível em: <<https://globalad.com.br/blog/digital-brazil-2023/>>. Acesso em: 24 jul. 2023.

---

conteúdo estético e semântico. É importante salientar que a língua é viva, o processo comunicativo, apesar de esquemático, também necessita de mudanças estruturais ao longo deste percurso. Um exemplo disso, é o próprio rádio, que já foi classificado como uma linguagem apenas verbal. Esse equívoco exclui “(...) o caráter do rádio como meio de expressão” (BALSEBRE, p. 328, 2005).

Nesse sentido, para Haye palavra é uma fonte ativa e evocadora dos contextos de imersão no rádio, a mesma “(...) constitui o veículo referencial para a informação conceitual e transmissão de ideias, ao mesmo tempo em que cumpre uma função emocional, traduzindo sentimentos e sensações” (HAYE, 2005, p. 35). Em consonância com essa perspectiva, Balsebre explicita que o som da palavra é mais um elemento que estimula o ouvinte na imersividade do rádio. Para ele, o som da palavra é resultado de três elementos acústicos que se relacionam no “âmbito perceptível”<sup>7</sup>, esses são o timbre, o tom e a intensidade.

Sistematizando a estética da linguagem radiofônica, é possível elencar elementos complementares aos já citados. O primeiro deles são os efeitos sonoros que, de acordo com Balsebre, adquirem significado conotativo por sua justaposição ou sobreposição da palavra ou da música. Portanto, “(...) o efeito sonoro tem quatro funções: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental. A função narrativa se desenvolve quando o efeito sonoro produz nexos entre duas cenas da narração” (BALSEBRE, 2005, p. 334). Portanto, o som é considerado “como todo ‘ruído’ elaborado ou classificado em uma cadeia significante” (BALSEBRE, 2005, p. 328).

Haye complementa esta ideia acrescentando a noção de que os efeitos sonoros “(...) também podem cumprir funções de tipo gramatical (pontuação e separação), ambiental, descritiva, etc” (HAYE, 2005, p. 353). Detalhando ainda mais o conceito, Haye entende que os ruídos são compostos sonoros não desejados na mensagem que podem ser provenientes de fontes naturais ou atmosféricas, ele usa o exemplo das buzinas de automóvel. Já Moles (1975) evidencia o ruído ou efeito sonoro como elementos parte do sistema expressivo radiofônico. Ou seja, os elementos sonoros contidos em suas mensagens são considerados “uma sucessão ordenada, contínua e significativa de ‘ruídos’” (BALSEBRE, 2005, p. 328).

Adentrando em mais um elemento radiofônico, o silêncio “(...) também delimita núcleos narrativos e constrói um movimento afetivo” (BALSEBRE, 2005, p. 334). O silêncio está intrínseco na linguagem radiofônica, ele pode proporcionar pausas, emoção, incômodo e

---

<sup>7</sup> Termo definido por Balsebre para explicitar as formas de captação auditiva que o rádio explora para criar contextos imersivos aos ouvintes.

---

entre outras percepções sobre a mensagem. “O silêncio é ainda um elemento distanciador que proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem” (BALSEBRE, 2005, p. 334).

Apesar de Moles (1975) não abordar o silêncio como parte do sistema expressivo concreto, Balsebre entende “(...) que o silêncio no rádio transmite uma significação importante para o considerarmos um elemento a mais na mensagem radiofônica: o sistema expressivo sonoro” (BALSEBRE, 2005, p. 328). Já Haye compreende que o silêncio pode somar na expressividade da mensagem, proporcionando sentido e dramaticidade a elas. Para ele, o silêncio “(...) têm a capacidade de gerar as mencionadas ‘imagens acústicas’, o que significa dizer evocações mentais de objetos, sujeitos ou espaços ausentes produzidos a partir da informação que sustenta a matéria sonora” (HAYE, 2005, p. 354).

A tecnologia, por sua vez, também pode impactar a forma estética do conteúdo e sua significatividade, pois por meio dela é possível “recortar e colar” o material sonoro, “(...) alterar a qualidade e a natureza da fonte sonora, sua velocidade, entre outros recursos que a montagem radiofônica proporciona, contribuindo para a criatividade e a intenção comunicativa e expressiva da mensagem” (BALSEBRE, 2005, p. 334). Para o autor, a montagem das mensagens radiofônicas, em algum nível, “deforma” o conteúdo por promover melhorias no material. “A montagem cria um novo conceito de real: a realidade radiofônica.” (BALSEBRE, 2005, p. 334).

O autor utiliza do mesmo exemplo do som da chuva para poder se referir da diferença de realidade sobre o mesmo som de fita da chuva e aquele que percebemos no cotidiano. Isso ocorre pela continuidade considerada “não real”, é a perspectiva de uma paisagem sonora “não natural”. Para Balsebre, essa ação impacta algum nível conotativo-simbólico da mensagem. “Assim, pode-se definir a reportagem como ‘dramaturgia da realidade’ e o rádio-teatro como ‘dramaturgia da ficção’” (BALSEBRE, 2005, p. 335).

Ainda de acordo com Balsebre, a montagem do material radiofônico inclui a possibilidade da formulação de nexos ou a junção entre sequências, produzindo novos sentidos sobre a mensagem. “A mensagem no rádio tem uma comunicação funcional, cuja semântica gera o intercâmbio de ideias, conceitos e relações entre indivíduos, mas ao mesmo tempo, surpreende, emociona, excita a sensibilidade do ouvinte” (BALSEBRE, 2005, p. 335). Para que esses arranjos sejam possíveis, o roteiro tem um papel importante em harmonizar fatores distintos do rádio. Neste sentido, o autor demonstra o conjunto de elementos que auxiliam no processo de compreensão das mensagens sonoras e sua dimensão imaginativo-visual, termo

---

que ainda será trabalhado na pesquisa. O rádio circunscreve o ouvinte proporcionando cenário imagéticos,

a imaginação no processo de percepção radiofônica é este sentido interno que, a partir das sensações auditivas e do conhecimento da realidade referencial que o ouvinte tem por sua capacidade de percepção multissensorial, permite construir uma imagem a partir do objeto sonoro percebido: a imagem auditiva (BALSEBRE, 2005, p. 336).

Balsebre (2005) ressalta que a imaginação no ambiente do rádio produz imagens auditivas. “A associação de ideias na percepção radiofônica é a resposta a um estímulo auditivo que se insere no processo da comunicação. Dois fatores são determinantes: a memória e a atenção” (BALSEBRE, 2005, p. 336). Para o autor, mesmo com a homogeneização referente a cultura audiovisual no século XX, os sujeitos buscam arquétipos e modelos visuais disponíveis para interpretar as mensagens radiofônicas. “O conhecimento ou familiaridade com o código radiofônico é o fator principal da dinâmica associativa e perceptiva do ouvinte na interpretação das mensagens” (BALSEBRE, 2005, p. 336).

É a junção desses fatores que, para Balsebre, contribuem na identificação com a linguagem do rádio pelos ouvintes e podem gerar empatia. “E apesar da linguagem do rádio ser uma representação artificial da realidade, ela provoca uma emocionante e intensa ‘vivência real’” (BALSEBRE, 2005, p. 336).

### **Semiótica: percursos do olhar**

A semiótica é um modelo de estudo baseado na fenomenologia que trata da lógica e do significado dos objetos através do signo. Há, no mínimo, três conceitos vigentes de semióticas: “(...) a doutrina dos signos elaborada por Charles Sanders Peirce, o desenvolvimento do formalismo russo e a teoria da significação proposta por Alguidar Julien Greimas.” (PIETROFORTE, 2021, p.7). Ao contrário de outras obras que dão destaque às relações entre os signos, a linha de pesquisa da semiótica francesa dá ênfase no processo de significação, que é a busca pelo significado da mensagem e a inteligibilidade da estética do conteúdo apresentado. Deste modo, ao definir a significação como objeto de estudo, entende-se que a semiótica performa como uma tecnologia de análise textual.

O texto, então, representa um subsídio para referir de um contextos, em que a semiótica será aplicada. Segundo Pietroforte (2021), o texto é definido na relação entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. Para Louis Hjelmslev (1975, apud PIETROFORTE, 2021, p. 8), o plano de expressão é o “(...) conjunto de significante pertence

---

aos domínios da expressão, e a manifestação em línguas naturais distintas também". Em outras palavras, o plano da expressão refere-se à forma que o conteúdo é apresentado, seja pelo sistema verbal, não-verbal e/ou sincrético. Greimas (1981, p.116) compreende os sistemas sincréticos como acionadores de relações que resultam na manifestação de diferentes linguagens, como as músicas e as artes plásticas. Portanto, “o plano de expressão manifesta, então, a figuratividade resultante da geração de sentido descrita pelo percurso gerativo, investida de valores articulados desde o nível fundamental.” (PIETROFORTE, 2006, p.1).

Já o plano do conteúdo recorre ao percurso gerativo do sentido “(...) por meio do nível semi narrativo, geral e abstrato, que se especifica e se concretiza na instância da enunciação, no nível do discurso” (PIETROFORTE, 2021, p.08) e se manifesta no plano da expressão. Vale ressaltar que, nesse plano, a formação do conteúdo não depende diretamente do plano de expressão que se manifesta. “São domínios do conteúdo, portanto, a categoria semântica fundamental e os valores gerados por ela.” (PIETROFORTE, 2006, p.1). Ou seja, a forma (semântica) que o conteúdo é enunciado, contribui para gerar intencionalidade no contexto da mensagem. Os percursos figurativos são formados pela narratividade desenvolvida entre sujeitos narrativos e objetos investidos de valores.

“O sentido de um texto está em seu plano de conteúdo” (PIETROFORTE, 2021, p. 11). Pietroforte exemplifica essa afirmação ao mencionar o conteúdo expresso de um romance, o qual pode ser reformulado para o cinema em um plano de expressão sincrético. Ou seja, em determinados contextos, o mesmo conteúdo pode ser expresso por meio de planos de expressão diferentes.

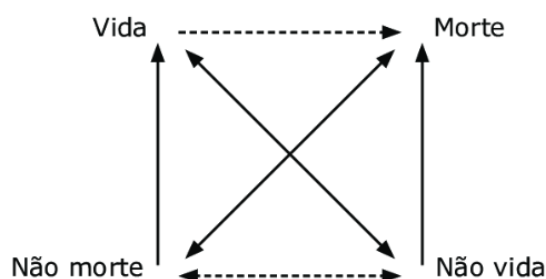
Na semiótica proposta por Greimas (1976), a inteligibilidade dos fenômenos e dos objetos se dá pelo processo gerativo de sentido em um nível fundamental. O percurso pode se dar em uma relação simples, em que a vida pode, de fato, representar vida. Entretanto, em alguns contextos, a vida pode também significar a negação da morte. “O sentido é definido pela semiótica como uma rede de relações, deste modo os elementos de conteúdo só adquirem sentido por meio das relações estabelecidas entre os mesmos” (SILVA et al., 2021. p.9). Essa relação pode ser expressa pelo modelo quadrado semiótico.

O modelo quadrado semiótico, para Greimas e Courtés (2012), é um diagrama usado na análise lógica e estrutural das relações entre signos. É a representação visual das “(...) relações de contradições, contrariedade e implicação.” (PIETROFORTE, 2021, p.13). O modelo é uma proposta que relaciona pelo menos dois termos, os quais vão se opor ou se

distinguir no eixo paradigmático da linguagem. “Portanto, suficiente para constituir um paradigma composto por  $n$  termos, não permitindo por isso, distinguir no interior deste paradigma, categorias semânticas baseadas na isotopia.” (SILVA et al., 2021, p.9).

A partir da oposição entre vida/não morte ou morte/não vida, por exemplo, a natureza lógica desta relação permanece indeterminada. “Para perceber-se que cada um dos dois termos deste eixo vem a ser suscetível de contrair separadamente uma nova relação do tipo  $A/\bar{A}$ . Sendo assim, a representação desse conjunto assumirá a forma de um quadrado:” (SILVA et al., 2021, p.9). O modelo está ilustrado na imagem a seguir.

**Figura 1:** Modelo do Quadrado Semiótico



**Fonte:** Greimas (2012, p. 401)

Para Pietroforte (2021), o modelo teórico acima discute as transformações do percurso gerativo do sentido na narrativa que circunscreve o mesmo. As setas demonstram os possíveis percursos, os termos que apresentam uma dupla negação são ditos contrários. “Em semiótica, o estado de conjugação é representado por (Suj.>Obj.); o de disjunção, por (Suj. < Obj.); e o fazer transformador, por  $\rightarrow$ .” (PIETROFORTE, 2021, p.16). Os dois enunciados bases são “os enunciados de estado, que podem ser de conjugação ou de disjunção, e enunciados de fazer, que dizem respeito às ações que promovem transformações nos enunciados de estado.” (PIETROFORTE, 2021, p.16).

Ademais, a semântica contida nesta relação não é uma estrutura estática, pode ser polarizada entre os mesmos eixos de sentido. “Sua orientação é dinâmica, pois sistematiza as afirmações e negações dos termos simples que geram esse eixo semântico no desenvolvimento da narrativa contada no texto, de modo que a afirmação de um termo implica a negação de seu contrário.” (PIETROFORTE, 2021, p.69). De acordo com Greimas e

Courtés (2012), é necessário identificar as diferentes relações abordadas pelo modelo quadrado semiótico:

1º- A relação negação entre vida/não vida é definida pela impossibilidade que têm os dois termos de se apresentarem juntos. A definição estética desta relação se apresenta por meio de uma contradição. De forma dinâmica, entende-se que o termo vida (ou não vida) que gera seu contraditório morte (ou não morte), “(...) assim, a partir dos dois termos primitivos, é possível gerar-se de dois novos termos contraditórios (termos da primeira geração)” (SILVA et al., 2021. p.10).

2º- A relação de asserção se dá sob os termos contraditórios (não morte, não vida), que pode apresentar como uma implicação: (não vida  $\supset$  morte; não morte  $\supset$  vida). “Se essa dupla de asserção tem por efeito produzir essas duas implicações paralelas, temos o direito de dizer que os dois termos primitivos pressupostos são os termos de uma só e mesma categoria e que o eixo semântico escolhido é constituído de uma categoria semântica.” (SILVA et al., 2021. p.10).

Em resumo, a relação de contrariedade, na imagem anterior, é representada pela seta pontilhada. A relação de contradição, representada pela seta dupla. E, por fim, a relação de complementaridade é representada pela seta comum. Vistas as questões centrais que envolvem a base da Semiótica francesa, no próximo tópico abordaremos o semissimbolismo. Já que se trata de um elemento importante de análise dos planos da linguagem, o qual correlaciona as categorias relevantes do plano da expressão e do plano do conteúdo.

### **Análise Semiótica - A famosa polaroid**

**Figura:** A famosa polaroid



**Fonte:** Rádio Novelo - Ep. 1 (O Crime da Praia dos Ossos - Galeria 02/14)



Nesta polaroid desgastada pelo tempo, é possível perceber três mulheres sentadas sob um pano, que não conseguimos identificar seu material ou sua cor pelo ângulo da foto, nem as condições do material. Em primeiro plano, temos três mulheres que sorriem, duas delas se entreolham. A mulher que está no meio apoia seu braço na outra mulher posicionada no canto esquerdo da foto. Esta tem cabelos curtos e loiros, suas mãos estão cruzadas e escondem parte do seu corpo, como também de sua roupa. A mulher que está no eixo central do primeiro plano parece sorrir com mais intensidade do que as demais. Ela usa um chapéu, biquíni com alças e um colar. A mulher que se encontra no canto direito da foto dá um sorriso tímido, seus braços estão cruzados por cima de sua perna. Ela usa chapéu preto, biquíni com alças, colar e pulseira.

Em segundo plano, é possível visualizar um homem que está em pé e na diagonal da mulher que se encontra no meio. Ele está inclinado e olha para a mesma. Suas mãos parecem fazer um símbolo gestual, que se assemelha com o movimento de uma pinça. O homem também se encontra com roupas praianas, veste uma sunga. Em terceiro e último plano, é possível visualizar uma faixa de areia, partes de uma árvore, carros e pessoas apoiadas neles. Vale ressaltar que o campo de análise possui dois enquadramentos: 1º um retângulo com bordas brancas, não proporcionais e 2º outro retângulo com bordas brancas proporcionais e o conteúdo fotográfico contido nele.

A partir da análise iconográfica, o quadro acima relaciona os indícios encontrados com as categorias do plano de expressão e de conteúdo. Elencamos a *opressão vs. liberdade* como as duas categorias semânticas fundamentais que surgem a partir da análise do contexto dos dois planos.

**Quadro:** Relação entre os planos do conteúdo e da expressão: A famosa polaroid

<b>Plano de conteúdo</b>	opressão vs. liberdade
<b>Plano de expressão</b>	superior vs. inferior multiforme vs. uniforme

**Fonte:** Elaborado pela autora

São relativos à liberdade os valores destinados ao primeiro plano, em que as três mulheres juntas se encontram trocando olhares. Elas estão com a postura corporal relaxada e pela troca de olhares, parecem ter certa intimidade que as deixam livres para serem elas

---

mesmas. A categoria semântica opressão se relaciona ao segundo plano, principalmente no eixo diagonal da imagem, em que o homem em pé emula uma interação com a mulher posicionada no meio do trio. Aqui, visualizamos uma quebra de sentido, que é oposto ao plano anterior. O homem parece estar concentrado e sério. Além disso, sua postura corporal é tensa, diferente das três mulheres. Ele se projeta a uma posição superior e sua movimentação por pouco interfere na dinâmica estabelecida no eixo inferior da fotografia.

A partir de categorias plásticas que orientam o plano da expressão, o sentido da imagem surge pela escolha de, pelo menos, duas delas: “*superior vs. inferior*, responsável pela disposição das figuras na foto; e uma eidética, *uniforme vs. multiforme*, responsável pela disposição das figuras nas fotos.” (PIETROFORTE, 2021, p.59). Existe uma interação no campo interior da fotografia, caracterizada por uma expressão corporal e visual uniforme na ação das três mulheres. Já a outra movimentação, localizada na parte superior da imagem é marcada por descontinuidades ao longo do espaço. Essa relação dos termos superior/ multiforme e inferior/ uniforme não se caracteriza por semissimbólica, uma vez que implica apenas o plano da expressão. Entretanto, é possível estabelecer semissimbolismo entre a categoria de conteúdo e a relação das categorias plásticas no plano da expressão. “Essa relação semissimbólica é estabelecida na semiótica não verbal plástica que compõe esse texto sincrético, por isso as categorias de expressão relacionadas são categorias plásticas.” (PIETROFORTE, 2021, p.60).

No site oficial do podcast, a fotografia analisada neste momento é acompanhada pela seguinte legenda:

*A polaroid famosa, reproduzida pelos jornais: Ângela ao centro, Gabriele Dyer à esquerda e Ângela Teixeira à direita. Em pé, ao fundo, Doca Street. © Arquivo do processo.*

A partir dos contextos suscitados pela legenda, agora os quatro personagens envolvidos nesta narrativa ganham nomes e papéis sociais. A famosa polaroid é um dos últimos registros de Ângela Diniz viva. Na descrição do primeiro episódio, nos deparamos com essas informações: “No dia 30 de dezembro de 1976, Ângela Diniz foi morta com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, no litoral fluminense, pelo então namorado Raul Fernando Amaral Street, conhecido como Doca Street. Ele foi réu confesso.” (site rádio novelo).

É possível fazer uma análise isolada de cada contexto. Sem a dimensão verbal, o texto fica reduzido à imagem de três mulheres e um homem. “Como uma pessoa do discurso, quem aparece na foto torna-se uma personagem da história que ela conta, de modo que se pode determinar o papel representado a partir de suas conotações sociais e lê-lo como um papel social.” (PIETROFORTE, 2021, p. 51). Em outras circunstâncias essa foto poderia representar um retrato de um grupo de amigos curtindo uma praia. No entanto, o contexto abordado pela legenda e pela descrição do episódio que a acompanha suscita personagens de um crime de feminicídio. Essa foto foi famosa em sua época, pois muitos veículos de comunicação usaram-na para se referir ao crime.

Neste caso, entendemos que a mensagem verbal (legenda da fotografia) carrega efeitos poéticos e isso garante certa autonomia verbal ao seu próprio conteúdo, mas sem dispensar a função de ancoragem por completo. A fotografia, nesta situação, é um complemento para abordar o contexto central, caracterizamos, assim, como semissimbolismo parcial. Portanto, o discurso da foto orienta as categorias de *opressão vs. liberdade*, essa relação fica mais evidente com o contexto suscitado pela legenda, o que significa que o eixo opressão se caracteriza pela posição do Doca em relação a Ângela Diniz e toda conjuntura corporal envolvida nesta paisagem visual. A cena fotografada realiza justamente esta etapa: opressão → não opressão → liberdade. Na figura a seguir, visualizamos esta relação.

**Figura:** Quadrado Semiótico: *Liberdade vs. Opressão*



**Fonte:** Elaborado pela autora

As setas demonstram os possíveis percursos, os termos que apresentam uma dupla negação são ditos contrários. “Em semiótica, o estado de conjugação é representado por (Suj.>Obj.); o de disjunção, por (Suj. < Obj.); e o fazer transformador, por →.” (PIETROFORTE, 2021, p.16). Retomando Greimas e Courtés (2012), a relação negação entre

---

liberdade/não liberdade é definida pela impossibilidade que têm os dois termos de se apresentarem juntos. A definição estética desta relação se apresenta por meio de uma contradição. A relação de asserção se dá sob os termos contraditórios (não liberdade, não opressão), que pode apresentar como uma implicação: (não liberdade  $\supset$  opressão; não opressão  $\supset$  liberdade). Em resumo, a relação de contrariedade é representada pela seta pontilhada. Já a relação de complementaridade é representada pela seta comum.

A seguir analisaremos um trecho do podcast, em que a fotografia é mencionada:

27' 47" a 28' 26" - **Branca Vianna:** *Tem algumas Polaroids daquele dia. Dá pra ver no site da Rádio Novelo. De todas as fotos, uma ficou mais famosa. Nela, a gente vê a Ângela Diniz, sentada na areia, com a Ângela Teixeira do lado dela. Atrás das duas está o Doca, com as mãos pousadas no ar. Parece que ele acabou de ajustar o chapéu da Ângela Diniz. E, do outro lado dela, tem uma mulher loira. Essa era a Gabriele Dyer, uma alemã que tinha chegado em Búzios fazia poucos meses. Aparentemente, ela ganhava a vida vendendo umas bolsas de pano que viravam tabuleiros de gamão.*

O trecho anterior é narrado pela apresentadora Branca Vianna. Antes de proferir sua fala, existe uma progressão de background (bg) por 10s, acompanhado do silêncio da apresentadora. Essa ambiência ocorre quando Vianna pergunta: *A Gabriele Dyer?*, em sequência um bg que remete ao sentimento de tensão começa soar com acordes rítmicos que, de acordo com Balsebre (2005), são considerados elementos sonoros.

No contexto narrativo do podcast e na história do caso, a Gabriele Dyer é uma peça fundamental para a repercussão do crime. A partir do seu depoimento, boatos ficaram rondando na mídia, afinal, todos queriam desvendar o caso ou, pelo menos, achar um motivo para compreender o ato de Doca Street. Essa breve alusão ao enredo do podcast mostra uma interlocução diferente entre uma mesma personagem no áudio e na imagem. Neste mesmo fragmento, o silêncio também delimita o núcleo narrativo e constrói um movimento afetivo. Haye (2005) compreende que o silêncio pode somar na expressividade da mensagem, proporcionando sentido e dramaticidade a elas.

A partir de uma ótica, Vianna explica brevemente o contexto da foto e descreve os quatro personagens. Ou seja, por decisões editoriais e pelo fluxo do podcast, alguns aspectos ganham mais destaques que outros. Neste trecho, por exemplo, revela-se quem é Gabriele Dyer e o que ela fazia em Búzios. Aqui, mais uma personagem central da narrativa é

---

apresentada. Ademais, a forma com que a apresentadora descreve a polaroid parte de um processo de significação em que os elementos ganham sentido pela forma que são interpretados. Essa situação acontece na descrição do Doca: *Doca, com as mãos pousadas no ar. Parece que ele acabou de ajustar o chapéu da Ângela Diniz*. Entretanto, o mesmo movimento pode ser interpretado de outras formas quando se analisa o contexto da fotografia.

Ao escutar apenas o áudio, as imagens auditivas ficam vibrantes. A voz guia os detalhes que colorem o contexto da polaroid. Para Balsebre (2005), isso acontece porque os ouvintes buscam arquétipos e modelos visuais disponíveis para interpretar as mensagens radiofônicas. A imersividade do áudio contribui para essa modulação acerca da mensagem. Outro contexto pertinente é quando Vianna ressalta a possibilidade de visualizar a fotografia no site. O conteúdo expande as arestas parassonoras, agora além do áudio é possível complementar a imagem sonora com a imagem visual. De fato, é mais uma possibilidade de imersividade no conteúdo a partir de outro formato.

O áudio, portanto, é soberano. Ele remonta detalhes importantes tanto na descrição da paisagem sonora quanto no enredo da história. Por isso, a imagem se torna um elemento parassonoro, ou seja, secundário. Ao direcionar o ouvinte para o site, existe uma integração dos diferentes formatos do podcast (site→visual e produto sonoro→podcast). Kischinhevsky (2016), Fidler (1998), Polistchuk e Ramos (2008), como visto no primeiro capítulo, propõem uma perspectiva sobre o impacto da convergência nos processos radiofônicos. De fato, é uma integração que abre possibilidades para consumir o podcast de diferentes formas. Entretanto, não é uma opção necessária para o entendimento do contexto, pois o áudio é o material de referência.

### **Considerações finais**

Após 47 anos do crime da Praia dos Ossos, nascer mulher no Brasil ainda significa ser símbolo de resiliência. Neste artigo, recorreremos à série Praia dos Ossos como objeto de pesquisa pela pertinência da temática e para acrescentar uma nova perspectiva de análise sob o acervo de memórias de Ângela Diniz. O estudo do material se deu em três eixos segmentados: 1º análise semiótica da imagem; 2º análise da integração da imagem com o contexto referido na legenda; 3º análise dos materiais levantados e sua integração com os recursos sonoros de cada episódio.

---

Ao analisar nosso objeto de estudo, 1º - *O crime da Praia dos Ossos*, notamos como a própria dinâmica narrativa do podcast Praia dos Ossos, fruto de um rigoroso trabalho de pesquisa e manejo de arquivos desempenhados por Branca Vianna e Flora Thomson, já nos transporta para uma certa ambiência visual. É importante ressaltar que a forma como vamos sendo enredados no crime da Praia dos Ossos e a construção narrativa dos episódios conduzem os ouvintes à imaginação e à curiosidade, para as quais os recursos parassonoros dão materialidade que vão além do sonoro.

Entendemos que os efeitos sonoros, citados na análise, conduzem os ouvintes a uma paisagem visual. Ou seja, os ruídos e o silêncio são elementos imprescindíveis na criação de uma esfera sonora única. Quando ouvimos as entrevistas, por exemplo, as vozes abafadas ou os ruídos da cadeira sendo arrastada dão a impressão de que somos transportados para aquele local. Já o silêncio conjuntamente com os efeitos de bg conduzem certa emoção, seja de surpresa, atenção, entre outros. Por fim, a descrição no áudio é um dos principais elementos que conduzem o panorama sonoro do ouvinte. Cada detalhe mencionado e descrito no áudio se lança como mais uma possibilidade de visualização daquela paisagem sonora.

Percebemos, também, que a interlocução visual e sonora acontece por meio da menção da apresentadora ao falar da fotografia e descrevê-la, além de convidar as pessoas a irem no site para conferir o material. Respondendo ao nosso problema de pesquisa que se resume em investigar como as estratégias sonoras do podcast Praia dos Ossos fazem interlocução com seus elementos parassonoros disponibilizados em site próprio, concluímos que na fotografia o áudio menciona aspectos que são enunciados pelos indícios da imagem. Comparando as diferentes estéticas, entendemos que no áudio ou na legenda conseguimos confirmar os pretextos sugeridos pela imagem. Entretanto, em nossa análise, o fragmento do podcast aborda melhor os pretextos da imagem em comparação com a legenda.

Tendo em vista que por meio desta estética os atores sociais ganham nomes e são descritos, a foto é datada e acompanhada de um nível de informação que vai além do que mostra o momento fotografado. Ademais, no áudio percebe-se impressões pessoais da equipe do podcast. Esse tipo de relação carrega consigo certa pessoalidade, característica marcante do rádio, que aproxima o ouvinte da escuta ativa do material.

### **Referências Bibliográficas**

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio - Vol I**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327 a 336.

---

DIGITAL BRAZIL 2023: **Insights do report anual de plataformas digitais**. Global Ad, 2023. Disponível em: <<https://globalad.com.br/blog/digital-brazil-2023/>>. Acesso em 20 jul 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e ciências sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, A. & COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 2ª ed. São Paulo:Contexto, 2012.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo (Org). **Teorias do Rádio - Vol I**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 347 a 354.

HUERTAS, Carolina. Rádio Novelo: bastidores, monetização e divulgação de podcasts. **Meio e Mensagem**, 2021. Disponível em: <[Rádio Novelo: bastidores, monetização e divulgação de podcasts \(meioemensagem.com.br\)](https://meioemensagem.com.br)>. Acesso em 09 out. 2022.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **O sincretismo entre as semiótica verbal e visual**. Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 1806-275X, 2006.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Análise do texto visual: a construção da imagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2021.

Praia dos Ossos. **Rádio Novelo**. 2020. Disponível em: <[Praia dos Ossos | Rádio Novelo \(radionovelo.com.br\)](https://radionovelo.com.br)> Acesso em 05 set. 2022.

SILVA, Helison; SILVA, Skalett; MARQUES, Rodolfo. **O uso do Feminismo na Propaganda: uma análise da representação da mulher em campanhas de cerveja**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021.

STRAZZA, Pedro. 57% dos brasileiros começaram a ouvir podcasts durante a pandemia, revela pesquisa da Globo. **B9**, 2021. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/147932/57-dos-brasileiros-comecaram-a-ouvir-podcasts-durante-a-pandemia-revela-pesquisa-da-globo/>>. Acesso em 20 mai. 2022.

VIANA. Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts**. GP Rádio e Mídia Sonora, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43.o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2021

WEIMANN, Guilherme. Praia dos Ossos: a história de uma mulher culpada pelo próprio assassinato. **SINDIPETRO Unificado**, 2021. Disponível em: <[Praia dos Ossos: a história de uma mulher culpada pelo próprio assassinato - Sindipetro \(sindipetrosp.org.br\)](https://sindipetro.org.br)>. Acesso em 09 out. 2022.